

DESAFIOS, CONQUISTA E LIMITES PARA A EVANGELIZAÇÃO DA PRELAZIA DE TEFÉ A PARTIR DAS CARTAS DE DOM MARIO NA DÉCADA DE 1980

Challenges, achievements and limits for the evangelization of the prelaty of tefé from the letters of dom mario in the 1980's

Vogran Leluia Rodrigues dos Santos¹

RESUMO:

O presente artigo tem como objetivo analisar os desafios enfrentados pela Igreja Católica na Amazônia. Partindo do Sínodo da Amazônia e tendo como referencial o documento de Santarém, a distância entre os dois documentos reserva dados significativos da Igreja na Amazônia. De modo particular o Sínodo da Amazônia, numa releitura da presença da Igreja nestas terras, lança novas propostas quanto do Documento de Santarém publicado anos anteriores apresenta as tomadas de decisões. A presente investigação utilizou-se do método qualitativo de cunho bibliográfico, portando em sua estratégia um recorte cronológico na região específica da Prelazia de Tefé. A partir das análises foi possível mapear significativas questões que implicaram na atuação da Prelazia de Tefé, na região do Médio Solimões. O recorte cronológico foi a década de 1980, as cartas revelam uma plataforma de exigências e correspondências que apresentam o panorama da Igreja numa região de grande extensão territorial, sendo difícil o atendimento à todos que precisam. Esse momento também foi muito frutífero as soluções encontradas pela Igreja Católica. As cartas trazem consigo um corpo fidedigno de dados e fatos, ao passo que o desejo do Bispo era conceder informação para que os seus interlocutores acompanhassem o processo de evangelização da Prelazia de Tefé. Utilizamos autores tais como: Hummes, Mata, Martins e Machado, Pereira, Prodanov e Freitas e Schaecken para subsidiar teoricamente nossas análises.

Palavras-chave: Evangelização; Prelazia de Tefé (AM); Sínodo da Amazônia; Documento de Santarém; cartas.

ABSTRACT

This article aims to analyze the challenges faced by the Catholic Church in Amazon. Starting with the Synod of Amazon and basing itself on the Document of Santarém, the distance between the two documents holds significant data concerning the Church in Amazon. In a particular way the Synod of Amazon, as a reinterpretation of the Church's presence in these lands, offers as many new proposals as the Document of Santarém, published many years before it, presents decision making processes. This current investigation has used a qualitative bibliographic method, bearing a chronological approach of the specific region of the Prelacy of Tefé in its strategy. From these analysis it was made possible the mapping of significant questions which implied the Prelacy of Tefé's activities in the Médio Solimões region. The

¹ Formado em filosofia pela Universidade Católica de Brasília, formado em teologia pela Universidade São Boaventura na Itália, pós-graduação em Direito Canônico Matrimonial pela Universidade Católica de Salvador, mestrado em Ciências da Educação pela Universidade SAINT ALCUIN OF YORK ANGLICAN COLLEGE no Chile.

chronological approach was the 80's, the letters reveal a platform of demands and correspondences that portrait the Church's panorama in a large territorial extension region, being difficult to attend to the needs of those who necessitate its services. This moment was also extremely fruitful to the Catholic Church, as it developed many solutions. The letters also portray a reliable collection of data and facts, whereas the Bishop's wish was to supply enough information so that his interlocutors would be able to accompany the Prelacy of Tefé's evangelization process. We have utilized Hummes, Mata, Martins e Machado, Perera, Prodanov e Freitas and Schaeken to theoretically subsidize our analysis.

Key Words: Evangelization; Prelacy of Tefé(AM); Synod of Amazon; Document of Santarém; letters.

RIEPILOGO:

Questo articolo si propone di analizzare le sfide affrontate dalla Chiesa cattolica in Amazzonia. A partire dal Sinodo amazzonico e avendo come riferimento il documento di Santarém, la distanza tra i due documenti contiene dati significativi sulla Chiesa in Amazzonia. In modo particolare, il Sinodo amazzonico, in una reinterpretazione della presenza della Chiesa in queste terre, lancia nuove proposte mentre il Documento di Santarém pubblicato negli anni precedenti presenta il processo decisionale. La presente indagine ha utilizzato il metodo qualitativo di natura bibliografica, portando nella sua strategia un taglio cronologico nella specifica regione della Prelatura di Tefé. Dall'analisi è stato possibile mappare le problematiche significative che hanno coinvolto il lavoro della Prelatura di Tefé, nella regione di Médio Solimões. Il taglio cronologico sono gli anni '80, le lettere rivelano una piattaforma di istanze e di corrispondenza che presentano il panorama della Chiesa in una regione di grande estensione territoriale, essendo difficile da assistere a tutti coloro che ne hanno bisogno. Questo momento è stato molto fruttuoso anche per le soluzioni trovate dalla Chiesa cattolica. Le lettere portano con sé un corpus di dati e fatti attendibili, mentre il desiderio del Vescovo era quello di fornire informazioni affinché i suoi interlocutori potessero seguire il processo di evangelizzazione della Prelatura di Tefé. Abbiamo utilizzato autori come: Hummes, Mata, Martins e Machado, Pereira, Prodanov e Freitas e Schaeken per supportare teoricamente le nostre analisi.

Parole-chiave: Evangelizzazione; Prelatura di Tefé (AM); Sinodo dell'Amazzonia; documento di Santarém; carte.

Um olhar criterioso para a Amazônia percorre diversas áreas, porém quando se trata de Igreja Católica a investida é realizada em graus e estratégias equivalentes a sua própria lógica de mundo. Tal realidade se estende às várias instâncias da Igreja em prol de calibrar seu discurso visando um efeito geral em todas as suas unidades.

Um fato que tornou-se extraordinário é a Igreja, através do Papa Francisco, voltar os olhos totalmente à Amazônia. Não é tão simples, mas calculado em uma releitura da presença da Igreja em terras amazônicas, pois segundo o Cardeal Dom Claudio Hummes (2018), o Papa Francisco disse: “A Igreja está na Amazônia não como aqueles que têm as malas na mão para

partir depois de terem explorado tudo o que puderam”. A forma com que o Papa Francisco fala da Igreja na Amazônia infere o fato de necessitar de mudanças tanto no agir quanto no entendimento, mas que provoque uma identidade conjugada com a realidade amazônica.

Desde o início, a Igreja está presente na Amazônia com missionários, congregações religiosas, sacerdotes, leigos e bispos e lá continua presente e determinante no futuro daquela área (HUMMES, 2018).

A Igreja está propondo um advento sobre a realidade amazônica, mas que tal iniciativa tem como base um panorama crítico da vida na Amazônia, pois as palavras do Cardeal Dom Claudio Hummes (2018) se atêm neste caminho: “Um novo tempo foi inaugurado na Igreja católica pelo papa Francisco”. O espaço crítico-reflexivo é o condutor do pensamento do Papa Francisco, pois seguramente documentos como a “Lumen Gentium” que trata da Igreja levar a luz do Evangelho a toda humanidade ou mesmo “Gaudium et Spes” que diz levar as alegrias e esperanças através da mensagem da salvação dão sinal de que no meio do percurso seja revisado os feitos realizados pela Igreja para propor novas perspectivas para o futuro.

Um convite a entrar no pensamento do Papa Francisco é a visita ao documento “Evangelii Gaudium”, que é a sua primeira Exortação Apostólica Sinodal. Este documento fala sobre a transmissão da fé cristã. Tem como elementos importantes o anúncio do Evangelho e a alegria, a ecologia baseada no respeito a criação, a paz, a justiça social, o ecumenismo e o diálogo inter-religioso, bem como o papel das mulheres na Igreja.

Mantendo o caráter missionário e evangelizador o Sínodo da Amazônia se torna uma referência para a reforma da Igreja. Por fim a leitura da realidade amazônica ganha exclusividade por buscar entender a noção de Igreja nestas terras transcorrida no tempo para evocar os indicativos nos documentos apostólicos novos parâmetros para a sua presença.

Dois pontos que receberam notoriedade para o Sínodo é o clamor do Papa Francisco: “Igreja com rosto amazônico” e um “clero autóctone”. Duas realidades bastante emergenciais para a Igreja responder com sua presença uma identidade amazônica. Enfim Dom Claudio Hummes clarifica estes dois termos: “Igreja de rosto amazônico significa uma Igreja inculturada, encarnada, que assume a história...”, e completando, “clero autóctone significa também um clero indígena, diáconos, sacerdotes e bispos indígenas”. De fato, uma releitura dos fatos pode nos ambientar melhor diante destas pretensões manifestas pelo Papa Francisco.

Tal necessidade de conhecer mais a história da Igreja em terras amazônicas terá como base o documento de “Santarém”, que revela já um interesse dos bispos do Brasil reunidos em se debruçar sobre o assunto Amazônia: “O documento é resultado da assembleia realizada

pelos Regionais Norte I e Norte II da CNBB” (Monsenhor, 2016). A Amazônia de forma considerável já é uma pauta importante para a Igreja no Brasil que deseja realizar tomadas de decisões.

Alinhado através do “II encontro de Prelados da Amazônia” no qual ocorreu no ano de 1954, tendo a Presença do ilustre Dom Helder Câmara, foram discutidos os seguintes assuntos:

Situação jurídica e territorial das Prelazias, o apostolado entre os índios, o apostolado entre os civilizados, o avanço do protestantismo na região, pedido à Santa Sé para a concessão de algumas faculdades ou privilégios concedidos para as terras de missão, o problema financeiro, criação de um Centro Missionário, relacionamento da Igreja com o governo (MONSENHOR, 2016).

Dando um salto na linha histórica dos encontros entre os Bispos da Amazônia até a formação do documento de “Santarém” este intervalo se resume na afirmação dos mesmos pontos citados acima, e é possível captar o quanto a Igreja entra nos problemas em buscas de respostas para a realidade amazônica. O mundo na Amazônia ganha formas diversas de pensar um Brasil e adotar linhas para que a vida alcance o caminho do progresso.

Concílio Vaticano II (1962-1965), a publicação da encíclica *Populorum Progresio* do papa Paulo VI (1967) e a Assembleia dos bispos do continente latino-americano em Medellín, Colômbia (1968). Cruzavam-se assim dois grandes processos históricos que receberam da Igreja profunda atenção. De um lado, as exigências de renovação e atualização do Concílio e as orientações de Medellín que apontavam para um envolvimento maior com a dolorosa situação de subdesenvolvimento e suas sequelas (injustiças, violências de toda ordem, fome, abandono ...) em nível continental; do outro, os apelos advindos da realidade amazônica que tentava deslanchar um processo de desenvolvimento, quase todo elaborado e programado a partir de fora com a anuência das autoridades e elites locais, abrindo ao capital internacional, e também nacional, as riquezas da grande região adormecida do Norte do país, trazendo consequências desastrosas e sofridas para a maior parte de nossa gente. (MONSENHOR, 2016)

Torna-se salutar conhecer o processo histórico que revele os contribuídos e desafios da Igreja Católica na Amazônia a partir do documento de “Santarém”, que em 2012 completou seus 40 anos, e o anúncio do Papa Francisco para o Sínodo da Amazônia. Com isso a pretensão de obter material substancial que justifique o que foi empregado tanto quanto os seus resultados será possível encarnar de forma bem adequada as exigências e tomadas de decisões pela Igreja Católica.

Concorre então que a década de 80 propicie uma distância razoável do documento de “Santarém” tomando a posição de 10 anos de trabalho para averiguar como se desenvolveu as decisões propostas, e de tal ponto qualificar as bases para o “Sínodo da Amazônia”. Encontrar uma região que possa trazer fatos que sustente tal empreitada nos leva até a Prelazia de Tefé, pois através dos dados documentados por carta pelo Bispo Dom Mario Clemente Neto o olhar para a história assume, seguramente, forma basilar para as devidas orientações do papel realizado pela Igreja.

Dom Mario é original de “Capão Escuro no município de Itaúna MG” (Shaeken, 2021, p. 19). Estudou filosofia na Universidade de Duquesne em Pttisburg no Estados Unidos. Trabalhou tanto na zona urbana quanto na zona rural, junto aos jovens através do “TLC – Treinamento de lideranças Cristãs. A partir do projeto “Igrejas-Irmãs Divinópolis e Tefé” (Shaeken, 2021, p. 27) passou seis meses ajudando as paróquias da Prelazia de Tefé. Foi nomeado por João Paulo II “bispo prelado coadjutor de Tefé”.

Baseando-se nas cartas escritas pelo bispo da prelazia de Tefé na década de 80. Através dos relatos há um panorama especial sobre a presença da igreja católica apresentando estratégias, recursos, condições para que a própria mantivesse estabelecido sua presença neste território amazônico.

O referencial adquirido através das cartas projeta inúmeros elementos que ao decorrer do tempo esquadrinha fatos importantes, trazendo dados elucidados que apresentam desafios vividos pela igreja católica em Tefé, que impediu o próprio crescimento em terras amazônicas. Os detalhes narrados atravessam uma gama de questões que desfavoreceram o seguimento contínuo e gradativo da Igreja Católica em manutenção e expansão.

O fato de estudar as cartas traz uma leitura fidedigna de acontecimentos que foram justificados a cada momento que seu relator deseja descrever aos seus leitores os eventos tidos durante o ano. Segundo Prodanov e Freitas (2013, p. 64) “o investigador recorre a fontes de dados e a métodos de coleta diversificados: observações diretas, entrevistas, questionários, narrativas registro de áudio e vídeo, cartas...”. As cartas de forma qualitativa esboçam desafios, e anseios visto que foram respostas dada para atualizar as condições de vida, trabalho e evangelização no território da prelazia de Tefé.

1980 – Fiquei realmente muito contente em receber uma palavra sua. Muito obrigado. Estou por uma semana ainda aqui em São Paulo, vou celebrar as despedidas dos colegas e a paróquia, dia 6 deverei ir para Manaus e dia 8 para Tefé. (NETO, 2018, p. 15)

1982 – Tenho recebido muitas cartas. Agradeço a todos que me escreveram. Na medida do possível respondi algumas, mas muitas ficaram sem repostas. Peço permissão para fazer uma parte em comum para todos, na qual farei um resumo das notícias daqui. (NETO, 2018, p. 25)

As cartas atingem um nível de recurso apropriado para manter a comunicação com os leitores que buscam acompanhar o desdobramento da igreja através do bispo local. Torna-se intrigante o fato de que não são correspondidas em tempo real, mas impera o discurso de manter a comunicação com os que estão de fora do território amazônico.

Estabelece no momento em que se escreve sobre a prelazia de Tefé um território muito diferente do que existe dentro do Brasil tendo a condição de isolamento total do mundo. É como se tivesse atravessado uma fronteira entre realidades, mas que o tempo e o espaço se tornam únicos para o locutor.

1983 – Mais uma vez não consegui manter em dia minha correspondência. De alguns de vocês tenho cartas bem “antigas” de molho ainda. Peço, porém que não levem isso em conta e nem interrompam sua comunicação comigo. Ela me faz bem e me dá força. (NETO, 2018, p. 33)

1986 – Venho-lhe ao encontro mais uma vez com a simplicidade que a amizade permite. Tomo a liberdade de mimeografar! Sei que compreenderá. Para alguns de vocês, devido à urgência do assunto, já respondi à sua carta. Para muitos, infelizmente ainda estou devendo. Tentarei saldar esta dívida, fazer um apanhado geral de nossas notícias, comunicar um pouco como estamos tentando cumprir com alegria esta missão que a Igreja nos confiou aqui em Tefé. (NETO, 2018, p. 43)

1987 – Através desta, venho suprir um pouco as deficiências de minha correspondência dando mais notícias de nossa vida por aqui. Como nas cartas anteriores, vou tentar narrar uma das experiências mais marcantes do último ano. (NETO, 2018, p. 51)

1989 – Através desta circular, quero comunicar-me com os amigos, contar um pouco de nosso trabalho e dar algumas notícias. Sei que posso contar com sua compreensão por ser a maior parte desta mimeografada. (NETO, 2018, p. 63)

Aponta para nós a luta do bispo em manter seus leitores inteirados dos acontecimentos, e este dado reforça o quanto se pode aprender sobre a região de Tefé e os desafios da igreja católica. Há um referencial importante que os interlocutores estão acompanhando de forma pertinente e atenciosa as correspondências do bispo. Isto propõe que almejam obter seguramente os detalhes da vida da Igreja no Amazonas, e propriamente na cidade de Tefé.

1988 – Começo agradecendo a todos os que me mandaram uma mensagem de Natal e Ano Novo, aos que me felicitaram por ocasião de meu aniversário, aos que me comunicaram o interesse seu e de suas comunidades por nosso

trabalho aqui em Tefé. Algumas vezes consegui mandar uma resposta, mas em muitos casos fui obrigado a deixar para responder agora. Sinto-me melhor, apesar da demora, mandando mais do que simples cartão com poucos dizeres. Este é um cartão ampliado. (NETO, 2018, p. 57)

A coleta de dados mostra um momento surpreendente e relutante do bispo vir trabalhar em Tefé. Acolhido como um momento de espanto pelas falas que chegam até ele. Seguindo a linha de raciocínio de Pereira (2003, p. 20): “Ao protelar uma mudança aparentemente estamos afastando para longe de nós todos os riscos e responsabilidades que a acompanham”. Por fim a resposta dada pelo bispo isenta o favorecimento de uma estratégia ineficaz para a sua natureza religiosa. Há uma linguagem envolvente atirada ao mistério religioso e depois uma abertura dócil à nova realidade que irá enfrentar.

1980 – Passei momentos de verdadeira angustia nestes últimos anos quando ouvia os boatos e depois tive a certeza de que estava sendo cogitado para Tefé... Mas ao mesmo tempo Deus me ajudou a crescer um pouco em humildade, pois passei a confiar mais na graça de Deus e ver os cristãos, sobre tudo o religioso, como alguém que aceita o convite de Deus para se colocar a serviço dos outros... Assim, vou para Tefé com esta disposição de me colocar a serviço dos padres, das irmãs, dos demais agentes de pastoral e do povo com toda simplicidade. (NETO, 2018, p. 16)

Não é de se estranhar uma tal resistência e logo em seguida a aceitação como desígnio de Deus. A região amazônica possui diferenças culturais, desafios constantes, e respostas ou alternativas nunca pensadas. De fato, há um conhecimento prévio sobre a realidade amazônica, porém se realça mais os desafios do que a vida no meio da floresta, como por exemplo os animais, e em especial as serpentes, o mesmo também se fala da malária e a precariedade da vida ao longo dos rios.

De forma adequada o assunto será tratado em blocos para em relevo identificar com facilidade os desafios encontrados nas narrativas. Para começar a distância territorial da prelazia de Tefé é algo muito exaustivo e muitas das vezes difícil de obter estratégias para superá-la. O transporte rotineiro é de tal forma incompatível com os anseios.

1981 – [...] fui fazer uma visita ao rio Jutuí... Minha viagem de Tefé até lá durou 12 dias viajando, às vezes, a noite toda ou boa parte da noite. Assim, para uma demora de uns cinco dias lá, foi quase um mês de viagem e mais de mil litros de óleo diesel a 60 cruzeiros o litro. (NETO, 2018, p. 19)

1983 – Partindo de Itamaraty, fizemos uma viagem de uns 15 dias atendendo ao povo em um trecho do rio. Atendemos assim, o pessoal de uns 200 Km do Rio Juruá. Os padres Selço e João de Caruari atendem 2.000 Km do Juruá e mais os seus afluentes. (NETO, 2018, p. 33)

Para aquela época uma alternativa além do barco é o avião, mas registra-se que as condições para estar em voo no território da prelazia de Tefé é muito escarço, isso força dar vazão às adequações possíveis. Mesmo que o tempo seja menor o voo sai da cidade de Manaus.

1986 – Precisava ir também a Carauari no mesmo rio. Antes existia uma linha aérea que passava por Tefé e ia até lá, mas esta acabou. Agora só temos duas possibilidades: ou gastando 6 dias de barco – se for de barco próprio – ou ir até Manaus (600 Km) e lá pegar um avião (3 horas de voo). (NETO, 2018, p. 43)

Muitas vezes os esforços para conseguir chegar a outro canto de avião passavam por manobras em que a influência e a precária comunicação eram rompidas pela persistência. O sentimento de compaixão indicava a reta intenção do coração.

1982 – Nesse ano, o Pe. Dionísio... junto com o Pe. João de Carauari foram fazer uma visita ao Denis. Encontraram muitos doentes com tuberculose. Pe. Dionísio voltou com um índio e duas índias que estavam piores e os levou para Manaus... Nessa viagem, encontraram lá também uma menina que tinha sido mordida de cobra e estava com a perna toda em decomposição. Pe. João com um irmãozinho dela atravessaram a mata para o lado do rio Purus carregando-a para atingir uma missão americana onde existe uma pista de pouso. Daqui de Tefé fomos tentando até conseguir comunicar com uns padres de Porto Velho e eles conseguiram um enfermeiro da FUNAI e um avião dessa organização americana para busca-los. (NETO, 2018, p. 26)

De fato, a região em termos de movimentar-se em épocas atrás revela o quanto cabal e fadado ao fracasso existia na consciência dos habitantes. Para o locutor transitar dentro dos rios evocava em certas ocasiões a tragédia. As doenças naquele tempo registram o quanto caótico se apresentava a realidade, e junto às condições econômicas traziam um cenário complexo por demais para a vida local.

1981 – Os seringueiros só têm condição de vender sua borracha para os regatões, ou seja, barcos de comerciantes que sobem o rio. Para comprarem sua alimentação, remédios roupas, etc., só contam com os regatões. Esses fixam o preço da borracha e das mercadorias. Assim, o povo está em um beco sem saída. No período das cheias, as várzeas ficam inundadas e então tiram madeira, mas como a distância da foz é absurda, só podem vender para quem aparece lá para comprar. Vivem, portanto em muita dificuldade, sem recursos. Quando adoecem, praticamente só podem esperar a morte. (Neto, 2018, p. 19) O que nos deixou impressionados foi o grande número de pessoas doentes de malária e outra febre estranha que não parecia ser malária. Sobretudo crianças estão morrendo em grande número. Estão construindo um cemitério novo e em pouco tempo já enterraram três adultos e cinco crianças, em uma vila de uns 300 habitantes. Várias pessoas acamadas lá e na antiga sede do município. O pior é que não tinham remédios para malária. Na beira do rio também as pessoas nos paravam e pediam remédios porque toda família estava com febre. (NETO, 2018, p. 22)

1982 – Um trabalho importante que estamos realizando nestes dias é a vacinação dos índios de um afluente do Rio Juruá, o Rio Xeruán. Lá, moram uns 400 índios dos grupos Denis, Kanamari e Kulina. Estão em 8 malocas. Em tempos passados, uma dessas malocas foi atingida pela tuberculose, como sempre levada pelos “cariús” (branco). Morreram quase todos. Os poucos que sobraram foram viver com os outros grupos e naturalmente levaram consigo a doença... Há uns dois anos o fato foi comunicado a FUNAI que mandou um médico e enfermeiro lá, mas eles visitaram somente duas das 8 malocas e mesmo assim não encontraram quase ninguém e nada fizeram... Conseguimos a colaboração da FUNAI, do SESP, da Universidade Federal de Juiz de Fora, do hospital de Tefé. Pe. João foi antes com um enfermeiro do Sul que trabalha aqui há 3 anos. Eles procuraram reunir os 8 grupos de índios em dois lugares próximo do rio onde dá para chegar o barco. (NETO, 2018, p. 27)

1983 – Encontramos uma localidade com umas 10 famílias (Kiriru) em que todas tinham tido malária. Durante nossas reuniões, via as pessoas começarem a tremer com ataque de febre. Estavam todos magrinhos e amarelos. Como não podiam sair para trabalhar não tinham nada para comer. (NETO, 2018, p. 35)

A doença formou um cenário de guerra sem fuga para muitos. A luta pela vida foi travada através da compaixão e solidariedade. Há uma fala que remete a fraqueza e o olhar para as próprias condições como uma resposta e não uma solução, mas que aparentemente se revela como um canal de esperança.

1982 – Vale apenas esse esforço por esses índios que como os demais foram aos poucos sendo expulsos de suas terras, mortos pelas doenças que os brancos levaram, pelas armas dos que iam ocupando suas terras, especialmente os seringueiros. Agora vivem nas cabeceiras dos rios e mesmo essas terras vão sendo tomadas quando surgem empresas interessadas e obtém do governo a licença para roubar mais um pouco do que resta aos índios. (NETO, 2018, p. 28)

Um outro assunto em relevo se apresenta o contingente evangelizador da igreja. Padres e freiras e alguns seminaristas junto ao bispo procuram atender as comunidades. Os trabalhos são bem diversificados, mas a formação do povo católico recebe o apoio de cada um segundo o próprio conhecimento. Muitos padres estrangeiros, porém, não é revelado nas cartas o choque cultural, levando desta forma raciocinar uma aceitação passiva da presença de estranhos à cultura local.

Outro destaque que merece realce é a idade dos missionários, que muitos são mais velhos e continuam explorando a vida missionária. As doenças também se tornam um elemento preponderante na vida dos missionários, e as mortes trágicas, pois tudo junto forma os desafios a se enfrentar dentro da prelaquia de Tefé.

1981 – Há um padre que vive lá com eles (rio Jutaí). Ele tem um pequeno barco e vive uns tempos com uma família, trabalha com eles tirando borracha ou cortando madeira depois visita outra região. (Neto, 2018, p. 19)

Fomos Ir. Pedro, dois seminaristas e eu, até a sede da paróquia em Maraã, fomos em uma lancha mais veloz do que um barco comum. (NETO, 2018, p. 21)

1982 – Um padre que era vigário de Itamaraty, já com mais de 60 anos, mas muito dedicado, ia visita-los, levava remédios... o Pe. Guilherme morreu afogado quando tentava desencalhar o barco em que viajava. Nesse ano o Pe. Dionísio, um gaúcho admirável que vive no alto do rio Jutaí, com seringueiros e índios, foi junto com o Pe. João de Carauari... (NETO, 2018, p. 26)

Adendo 2: Pe. João Dericks trabalhou muitos anos na Prelazia, e coordenação Pastoral da Terra e Águas... com a decadência da borracha, ele viu nas propostas no movimento de Chico Mendes uma solução para os ex-seringueiros. Mais tarde foi para Belém do Pará, onde trabalhara antes e aí ficou até a sua morte. (NETO, 2018, p. 29)

Adendo 3: a Coordenação pastoral foi da máxima importância para a vida da Prelazia... os padres eram todos estrangeiros...(Neto, 2018, p. 30)

Adendo 4: Pe. Teodoro van Zoggel, da Congregação dos Padres do Sagrado Coração... Um verdadeiro missionário, de uma doação sem igual apesar de problemas de saúde. Era formado em jornalismo, produzia o “Boletim da Prelazia”, o “Poronga” ... Modelo de organização; pôs em ordem nossos arquivos... (NETO, 2018, p. 30)

1983 – Dom Joaquim tem lutado com uns problemas nas vistas, mas mesmo assim continua tomando conta de uma paróquia no interior, na Foz do Jutaí. O Ir. Francisco atendia o povo do interior mais distante com faculdade de batizar e presidir os casamentos. Há um pouco ele sofreu um derrame e teve que ser levado muito mal para a Holanda. Não sabemos o que vamos fazer para atender o povo do interior do rio Jutaí. (NETO, 2018, p. 33)

[...] os Padres Selço e João de Carauari atendem 2.000 Km do Jutaí e mais os seus afluentes. Oficialmente, são 3 paróquias, mas o vigário de uma sofreu um derrame e já estava bem velhinho e teve que voltar para a Holanda. O outro, voltando de uma reunião que tivemos em Tefé, morreu afogado no rio. (NETO, 2018, p. 33)

1985 – Dentro da Prelazia, houve uma mudança bem drástica pela perda de alguns padres: um foi chamado de volta à Europa pelo superior, outro também se foi por causa da idade e saúde, e um terceiro também por saúde. (NETO, 2018, p. 37)

1988 – O vigário da paróquia cuja sede é Itamaraty tinha adoecido de hepatite no primeiro semestre, feito um tratamento no Brasil e seguido para as férias na Alemanha. [...] aconteceu porém, que o Pe. Bonifácio ficou retido por mais tempo na Alemanha para tratamento de saúde. (NETO, 2018, p. 57)

1989 – Ir Falco foi um lutador ao lado dos ribeirinhos e, apesar da sua morte em julho passado, as comunidades continuaram a se unir e formar comitês de defesa dos lagos. (NETO, 2018, p. 66)

É de surpreender os missionários estrangeiros serem a maioria, isso registra que na década de 80 em Tefé não há vocações como candidatos para a vida de padre nesta região, tanto quanto brasileiros confessores da fé, que sejam oriundos de outros Estados desejando viver na Amazônia como missionários. Aparentemente a zona de conforto deve falar mais alto, porém,

o fator pobreza se coloca neste horizonte, como o risco de doenças e vários fatores contribuindo para brasileiros da fé não se ofertarem para esta realidade.

Este tema torna inevitável ser percorrido, pois fica latente a necessidade de mais presença para a manutenção da Igreja católica na Amazônia. Tefé respira uma atmosfera rarefeita de homens e mulheres engajados na manutenção e expansão da Igreja. Com efeito a precariedade nas idades, as baixas por doenças e mortes, as distâncias a serem percorridas para a assistência territorial dos católicos. Tudo isso evidencia uma igreja isolada do mundo, e quem tem coragem vem para trabalhar.

Com um raciocínio lógico a aparência expressada que nesta época não havia importância para a Igreja em sua totalidade o reconhecimento das necessidades da Amazônia, pois já haviam indicado superiores para cuidar do local. Parece que o processo de responsabilidade foi passado para as mãos do bispo local com competências fora dos seus limites, pois assumir um assunto tão delicado sem participação de toda a Igreja requer criar e não multiplicar, pois não há muitos relatos de pedidos de ajuda neste período estudado a não ser somente este.

1986 – (Visita ao Papa na Itália) Aproveitei a ocasião para fazer contatos com algumas congregações religiosas e outras organizações na tentativa de conseguir pessoal para a Prelazia. Os resultados foram bons, embora ainda muito baixo do necessário e demorará chegarem os primeiros reforços. Geralmente, trata-se de estagiários que virá por um período e daí temos a esperança de que goste e volte mais tarde. Assim teremos alguns da Espanha e da Alemanha. (NETO, 2018, p. 43)

Dois países conseguem responder aos apelos da prelazia de Tefé, o envio de estagiários em tempo determinado. Ora, a Igreja não consegue neste período com sua mensagem e apelo à convicção dos fiéis trabalhar a realidade dos missionários, mesmo que o Brasil evangelizado não responde aos apelos da Amazônia conforme sua necessidade.

O trabalho da Igreja na Amazônia através dos relatos da Prelazia de Tefé na década de 80 apresenta um panorama reduzido de padres, e carente por estratégias que possam alcançar resultados diante desta realidade. Outro recurso a ser estudado é que a mensagem da Igreja católica somente alcança os alfabetizados. Há uma crise dentro da Igreja em responder os anseios de uma região que registra um índice de analfabetismo gigante.

1981 – (Japurá) Algumas curiosidades desse município: ele tinha no senso anterior, 3.700 habitantes em uma área de 50 mil km². Em 1980, tinha somente 2.700 habitantes. Na penúltima eleição, o vereador mais votado recebeu 18 votos. Outro foi eleito com uns dois votos. Uma candidata não recebeu nenhum voto porque tinha combinado com outro candidato de

trocarem os votos e ele pensou que era brincadeira. Aconteceu, porém, que um dos eleitos faleceu e ela assumiu o cargo, eleita sem votos. Na última eleição, o mais votado obteve 12 ou 14 votos. Essas informações foi um vereador que me deu... (NETO, 2018, p. 22)

O registro apresenta números inconfortáveis com a média de alfabetizados entre 2.700 habitantes somente 18 e 02 votos computados para o cargo de vereadores de um município na década de 80. Isso denota o quanto a região carecia da estrutura da educação. Porém, é um desafio gigante para a Igreja se estabelecer numa situação como esta.

1982 – São cursos de Pastoral Familiar que já são uma tradição aqui. São um apoio às comunidades que vivem muito isoladas pelas distâncias, pela falta de meios de comunicação, pelo analfabetismo, etc. (NETO, 2018, p. 28)

1983 – (Itamaraty) Nesse trecho que visitamos, a população é quase toda analfabeta. Porém há sempre algumas pessoas que sabem uns cânticos antigos de cor, algumas orações. (NETO, 2018, p. 33)

Penso que apesar das distâncias enormes e do analfabetismo, a Igreja poderá apoiar o povo para que formem comunidades pelo menos em alguns lugares, encorajá-lo para fazer parte do sindicato dos trabalhadores rurais. Assim eles, ao se reunirem para refletir sobre o Evangelho e sobre a vida, vão achando o caminho a seguir. Onde ninguém sabe ler, incentivamos, pelo menos, a reunirem-se para rezarem o terço e falarem sobre a dureza da vida. (NETO, 2018, p. 35)

1985 – Há uns dois anos, estive numa região onde, à beira de um lago, há uma comunidade de umas 15 famílias: é o Juá Grande. Eles todos eram seringueiros e saíram do rio Juruá. Ninguém sabia ler. Gente de muita fé, mas não conseguiam fazer uma celebração por falta de leitura... (NETO, 2018, p. 40)

1988 – Como quase ninguém sabe ler, procuramos mostrar como é simples rezar o terço, mesmo contando com os dedos: seria o Culto Dominical. Há dois lugares onde existe alguém que sabe ler e se reúnem no domingo para o culto. (NETO, 2018, p. 59)

Para a Igreja seu anúncio na década de 80 não se cruza com facilidade no meio dos analfabetos. Há de fato uma estrutura interna que só atende os alfabetizados. Esta preocupação pesa pois não há como tornar uma pessoa com fé convicta sem a mensagem da evangelização, ou seja, a parte doutrinal da fé também não será transmitida.

Os recursos adotados mostram o quanto é precário para a Igreja formar católicos com resultados eficientes num lugar pleno de analfabetos. Grupos que possuem na memória algumas orações e cânticos, terço ensinado através dos dedos. Não há como dizer o método que caracterizou os analfabetos como “gente de muita fé”, pois no relato contém este fato identificado, mas em sua continuidade apresenta junto um aspecto contrário: “mas não conseguiam fazer uma celebração por falta de leitura”.

Mesmo que as distancias fixem uma das dificuldades enfrentadas pela Igreja da Prelazia de Tefé na década de 80 se torna confuso estabelecer a relação entre religião e sindicato. Parece

que o alvo desta estratégia é fazer com que a reunião aconteça. Expressivamente um cristão católico possui nos 10 mandamentos um que diz: “Guardar domingos e festas”. Porém, é possível acrescentar um dos mandamentos da Igreja: “Comungar uma vez por ano pela ocasião da páscoa”. A autenticidade do cristão católico se registra pela participação assídua nos domingos realizada pela comunhão dominical.

Torna-se emblemático neste instante da história uma nova configuração do culto dominical na ausência das leituras e a comunhão por recitação do terço e participação de sindicato para a reunião dos fiéis, mesmo que não seja no dia de domingo. Há um comprometimento com a mensagem, que de fato não é estabelecida como formação do cristão católico, mas a concentração de pessoas para falar “sobre a dureza da vida”.

A mensagem deveria estar criando o elo com a divindade na expectativa de sua fé auxiliar na luta dos desafios enfrentados a cada dia, mas ao invés disso são convocados para falar da “dureza da vida”. Parece que a mensagem não interfere na vida das pessoas que adotam o cristianismo católico, pois não há compromisso do seu Deus para com cada membro do seu povo, mas a necessidade de criar um compromisso do povo com seu Deus.

A mensagem da Igreja católica neste período não é carregada de espiritualidade quando esgotada pela intenção “...a concentração de pessoas para falar sobre a dureza da vida” não há sentido algum discutir por discutir a dureza da vida. Com a falta de espiritualidade o mistério não acontece, pois a vida é dura sem a possibilidade de ser respondida com esperança. De fato a cadeia de elementos que justificam a crença em um Deus não foi estabelecida, mas implicitamente reclamada por pessoas analfabetas sem alguma instrução de como sair daquela situação.

1989 – (Vila Bittenourt) Ficamos 3 dias lá. Conseguimos organizar uma equipe para as celebrações aos domingos. Procuramos colocar oficiais e civis, velhos e novos; uns para fazer leituras e outros para tirar o terço. (NETO, 2018, p. 63)

Neste cenário flui mais a natureza da evangelização por conta de pessoas alfabetizadas na vila. A formação é em um espaço curto de tempo, mas surti efeito por conter pessoas que saibam ler dentro de sua estrutura. O convite da igreja católica se faz entre pessoas alfabetizadas. Isso torna um empecilho para sua manutenção e expansão.

Enfim algo imprescindível na manutenção e expansão da Igreja se registra no clero que leva para todos os lugares a mensagem da Igreja. A Evangelização e a Missão assumem como um binômio forte na empreitada da igreja: Missão evangelizar, Evangelizar missão. No tempo

de Jesus, Ele era o Evangelizador, logo após este tempo seus seguidores chamados discípulos se tornam os evangelizadores, com o nascer das comunidades religiosas os padres, frades e freiras são os evangelizadores por excelência, por fim João Paulo II chama a igreja de “novo povo de Deus”.

Contudo, a hierarquia da Igreja é algo a ser absorvido pelo fiel cristão católico. Há verdadeiros tratados onde se defende a hierarquia fundada por Jesus Cristo e consolidada ao longo dos anos pela própria instituição. Os fiéis leigos se encontram na base da pirâmide hierárquica assumindo sua função laical. A princípio pela escarcas de mão de obra hierárquica (falta de padres, religiosos) os trabalhos começam a ser formulados compondo outro rosto. Mesmo que João Paulo II tenha estipulado “novo povo de Deus” isso não conduz a uma reforma da Igreja.

A busca de formar novos evangelizadores atravessa uma nova composição hierárquica comprometendo um novo panorama para a versão autenticada de Igreja através das decisões estratégicas tomadas na década de 80. De certo que as respostas para a situação são inovadoras, mas apresenta um estilo novo de igreja orientada por leigos.

Da mesma forma que a história é dinâmica, dinâmicos são os valores; e será aquilo que for cultivado como próprio para satisfazer necessidades humanas, num espaço e tempo, num aqui e agora sempre contextualizados e renovados. (MASTINS E MACHADO, 2013, p. 201)

1981 – (Japurá) Fizemos lá um cursinho de dois dias preparando uma equipe para fazerem uma celebração do Culto Dominical. No último dia, tivemos o culto celebrado por eles mesmos. Fizemos sempre este trabalho pelos interiores para que a partir daí possam ir formando comunidade, se ajudando mutuamente para ir resolvendo os problemas de saúde, escola, etc. Assim procuramos ser úteis ao povo daqui. (NETO, 2018, p. 22)

1982 – No primeiro semestre, através da Coordenação pastoral, procuramos realizar cursos para as comunidades do interior. (NETO, 2018, p. 28)

1985 – Nas últimas semanas, temos organizado curso para Dirigentes das Comunidades do interior, para os Coordenadores dos Grupos de Reflexão que chamamos de Ajuri da Palavra de Deus, e para os cantores. (NETO, 2018, p. 37)

Adendo animadores de setor: As grandes distâncias conjugadas com meio de transporte lento são um grande problema para a pastoral nessa região. A assistência às comunidades a partir da sede da paróquia é muito precária. Assim, imaginamos um apoio mais próximo a elas através de um ministério intermediário, que recebeu o nome de “Animadores de Setor”. (NETO, 2018, p. 41)

[...] Convocávamos Ministros da Palavra já formados para um curso na sede da Prelazia. Eram cursos de 4 etapas de 15 dias cada. Eles tinham como serviço, o apoio às comunidades do seu setor: visitas periódicas, promoção de reuniões ou assembleias, formação. (NETO, 2018, p. 41)

1986 – [...] Foram 3 turmas de uns 35 cursistas cada. Muitos vieram de longe. Foram 15 dias intensos, e de volta para suas localidades, temos notícias de atuações muito boas.

Assembleia de 1983: Em uma reflexão demorada, procuramos estabelecer algumas metas concretas no sentido de se formar uma Igreja Local menos dependente de fora. (NETO, 2018, p. 45)

1ª [...], cada paróquia deveria formar um grupo o mais representativo possível, para ser um conselho precário e encaminhar para a formação de um Conselho Pastoral Paroquial. O pároco deveria buscar maior comunicação com a base, para que estas se fizessem presentes nas decisões e planejamentos da paróquia... (NETO, 2018, p. 47)

2º Ministérios: formação de pequenos grupos por meio de “Ajuri” ou outros modos. Convidar as pessoas para assumirem tarefas de acordo com as necessidades. Dar apoio à formação de lideranças que já estão assumindo, reconhecer seus valores. (NETO, 2018, p. 47)

3ª Responsabilidade Financeira – Dízimo: ajudar os encarregados das finanças nas paróquias e comunidades para aprenderem administrar; abertura dos livros e prestação de contas à comunidade... (NETO, 2018, p. 47)

1988 – No fim de janeiro realizamos nossa assembleia anual... O tema foi: “Que tipo de Igreja estamos construindo”. Nossa reflexão nos aponta sempre mais para uma maior participação do povo daqui, assumindo cada vez mais a responsabilidade e o destino de sua Igreja. (NETO, 2018, p. 59)

Por excelência o leigo não é alguém exclusivo na hierarquia da igreja com competência acima do administrador da comunidade que excepcionalmente está na pessoa do padre assumido como pároco, ou seja, o chefe da assembleia.

As inúmeras tentativas para solucionar o problema do exercício hierárquico como provedor das decisões da comunidade, mesmo que o ambiente da prelazia de Tefé mostre condições desfavoráveis por falta de padres, tanto missionários quanto formados na região, sublinham cada vez mais o desespero do bispo.

Provocar a necessidade de lideranças e a responsabilidade do povo coloca em princípio novas combinações que possam instaurar possíveis divisões no comando da Igreja. Comunidades que não tendo padres, mas possuem conhecimento da tradição da Igreja requer transitar para um modelo de liderança realizado pelos leigos escolhidos para assumir a comunidade.

Esta tarefa de realizar cursos curtos e dar um status de periódico em relação às distâncias a serem percorridas não remete a mesma vantagem de um padre que em sua formação no seminário leva de 05 a 07 anos de estudos. Para uma região onde o maior número é dos analfabetos este desafio é provocante, mas também exigente para com os leigos.

A atmosfera artificial criada na prelazia de Tefé nesta década transmite a base de uma Igreja autossustentável diante das suas condições precárias: a tentativa de criar lideranças leigas

para suprir a falta de padres, uma região com problemas econômicos encontrar um modo de não depender mais dos recursos oriundos de fora.

1981 – Contamos com a ajuda de muitos que nos enviam suas colaborações. (NETO, 2018, p. 22)

1982 – Agradeço o que vocês têm enviado para nós. Alguns me comunicaram, mas outros depositaram no banco e não fico sabendo quem está enviando. (NETO, 2018, p. 28)

1985 – Apesar de lutarmos muito para simplificar nosso modo de vida e baratear nossas viagens e ter estruturas mais ao alcance de nossas comunidades, ainda temos precisado de muita ajuda de fora. (NETO, 2018, p. 40)

(Juá Grande) Há pouco tempo o presidente dessa comunidade veio aqui e contou que tinham tirado a madeira e comprado as tábuas para fazer uma sala para aula e capela. Pedia ajuda para comprar telhas. Claro que fiz todo esforço para ajudar. (NETO, 2018, p. 40)

1987 – Há muito o que fazer, mas o tempo e as dificuldades impedem a realização dos trabalhos. Entretanto, fazemos cursos e encontros com representantes das paróquias para traçarmos as linhas de ação pastoral e as acompanhamos através de cartas e de rádio. (NETO, 2018, p. 55)

1988 – Estamos preocupados porque temos ouvido que algumas comunidades que funcionavam estão se desfazendo. (NETO, 2018, p. 61)

Ao longo do tempo a década de 80 se envolve no espírito de responder aos anseios de uma Igreja repleta de desafios e lacunas. Com o auxílio de fora a um brilho para continuar levando a frente os trabalhos já realizados e pensar estratégias para os futuros. Contudo, no final da década um elemento surpresa demonstra o esgotamento de tudo realizado, pois algumas comunidades não conseguem corresponder aos inúmeros estímulos e se desfazem.

A deficiência até no planejamento do curso traz referências pesadas para o panorama da evangelização na prelazia de Tefé. **1985** “Um curso teve que terminar um dia antes por falta de comida” (NETO, 2018, p. 37). Os cursos de formação de liderança para leigos durante a década de 80 foram realizados por diversas formas, pois a distância complica quando se tem família e precisa se ausentar por um bom tempo.

Diante desta década há uma animosidade a partir de canais de esperança. É possível identificar algumas através das narrativas que incentivam bons rumos para o futuro.

1986 – Tivemos a visita e primeira missa de um padre novo natural daqui, mas que se criou em Manaus. Foi bom, pois mostrou que é possível alguém daqui ser padre. (NETO, 2018, p. 45)

Em agosto virá um padre do Acre fazer umas palestras sobre vocação... (NETO, 2018, p. 46)

1988 – Chegaram finalmente os dois padres portugueses que trabalhavam no Sul do Brasil e que se dispuseram a iniciar aqui a formação de padres... (NETO, 2018, p. 60).

As respostas dadas na década de 80 na prelazia de Tefé inaugura de forma cuidadosa elementos que levam a crer que numa dimensão macro visto a partir desta realidade grandes desafios e um fio de esperança. Aparenta diante deste panorama que a estrutura de uma igreja católica foi tão complexa para o lugar e suas condições.

Não distante destes graus de dificuldades tiveram que responder aos ataques de fora, pois correram muitas falas contra a igreja. Propagandas que espalhavam uma imagem distorcida do que ela se reconhece:

1985 – Há também uma verdadeira perseguição por parte de seitas pentecostais americanas que usam verdadeiras mentiras a respeito da Igreja. (NETO, 2018, p. 38)

1987 – Desmentia as calúnias que os comerciantes espalham no rio contra os padres e agentes de pastoral que apoiam os seringueiros; punha a rádio da Prelazia à disposição deles para esclarecer coisas que mandassem perguntar. (NETO, 2018, p. 54).

A observação a estes dados sobre os ataques informa que a credibilidade da igreja entrou em colapso a ponto de saírem em confronto justificando o que é próprio de sua identidade. Os ataques dentro do período estudado não são muitos, mas o conteúdo apresenta os choques entre instituições que veiculam falsas verdades.

Convém reconhecer que a Igreja católica dentro da Amazônia junto a sua própria precariedade passou por desafios pensado respostas que no fim da década de 80 recebem resultados desastrosos como comunidades que haviam recebido atenção e trabalho se desfizeram.

A falta de recursos locais e um ambiente de hostilidade até mesmo para os nativos: doenças, desvalorização econômica, analfabetismo entre outros problemas reais. Porém o esforço de responder com atitude pensadas e insistência, o mesmo se opera quando se entra no tema da comunicação, e os infortúnios para estabelecer um conhecimento mais pontual das condições e necessidades.

A Prelazia de Tefé na década de 80 através das cartas do bispo da época oferece um contributo importantíssimo na análise das deficiências que levaram a diminuição dos fiéis católicos obtidos por situações que a estrutura da Igreja não condiz na época com o perfil dos habitantes desta região.

Considerações Finais

O Sínodo da Amazônia apresenta como meio para as devidas mudanças a serem adotadas na Igreja uma releitura dos feitos da Igreja ao longo do tempo, mas que marcam novas exigências para novos propósitos reconhecido pela Igreja.

O Documento de Santarém marca o movimento de interesse para com a região amazônica pela Igreja, suas tomadas de decisões pontuam as grandes necessidades reconhecida pela Igreja.

Adotando o recorte cronológico e a Prelazia de Tefé traz elementos que apresentam num certo distanciamento do documento de Santarém, um panorama referencial para obter o quanto deste documento foi aplicado na Amazônia pela Igreja, e ao mesmo tempo influência para a investida tomada por Papa Francisco no anúncio do Sínodo da Amazônia.

Os relatos obtidos pelas cartas escritas por Dom Mario Clemente Neto colocam em relevo variáveis sobre a vida missionária e evangelizadora da Igreja em terras amazônicas.

A estrutura hierárquica da Igreja é reconhecida através das cartas insuficiente para responder os anseios de manter a Igreja em terras Amazônicas

A Estrutura financeira da região amazônica na década de 1980 não sustenta os trabalhos da Igreja, compete reconhecer as distâncias, doença, educação como fatores desprovidos de atenção econômica adequada para serem respondidas.

O documento de Santarém levantou questões que foram de suma importância na década de 1980 em busca de respostas adequadas: O conceito de prelazias em respeito à parte jurídica e territorial, a vida financeira e seus problemas, presença de missionários e sua formação, o apostolado entre os indígenas e os civilizados, e por fim a expansão das religiões protestantes.

O Sínodo da Amazônia vê com exigência a necessidade de uma Igreja com a identidade amazônica, pois ao longo do tempo registra-se a necessidade de manutenção da própria igreja local.

Um dos desafios que merece destaque é o analfabetismo em toda a região da Prelazia de Tefé, pois a Igreja não conseguiu responder e nem se adequar a esta realidade tanto no ambiente de suas celebrações quanto a formação de fieis em seu território de evangelização. Outro desafio foi as distâncias percorridas e os transportes para vencer cada percurso.

De fato, a Amazônia para a Igreja é um lugar de desafios encontrando discursos que depreciaram seu trabalho vindos de Igrejas protestantes e outros órgãos. A Igreja de Tefé dentro do Amazonas traz no recorte cronológico desafios, conquistas e limites para o cenário da Igreja na Amazônia.

Referências

HUMMES, Cardeal dom Cláudio. **Desafios evangelizadores na Amazônia**. Disponível em: <https://www.vidapastoral.com.br/edicao/desafios-evangelizadores-na-amazonia/>. Acessado em 24/05/2022.

MATA, Raimundo Possidônio Carrera da. Disponível em: **DEBATE: A IGREJA CATÓLICA NA AMAZÔNIA**. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:fFTIEOvJoJIJ:www.revistaterceiramargem.com/index.php/terceiramargem/article/viewFile/113/90+&cd=13&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acessado em 24/05/2022.

MATINS, Rodrigo Perla; MACHADO, Carlos R. S. **Identidade, Movimentos e Conceitos: Fundamentos para discussão da realidade brasileira**. Novo Hamburgo-RS: Universidade FEEVALE, 2013.

NETO, D. Mario Clemente. **Vim para servir: como ser igreja no coração da Amazônia**. Brasília: Edições CNBB, 2018.

PEREIRA, Ray. **Que diferença faz?: escolhas que marcam**. São Paulo-SP: Casa do Psicólogo, 2003.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. Novo Hamburgo: Universidade FEEVALE, RS, 2013.

SCHAEKEN, Raimunda Gil. **Neto, 2018 Clemente Neto CSSp: um missionário à Serviço no Amazonas**. Manaus-AM: Santa Luzia, 2021.